ANO 5.º | Sexta-feira, 20 de Setembro de 1912 | NUMERO 239

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 40 réis
Comunicados . . . . 20 réis
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

O PERIGO... HESPANHOL

II

Se observarmos bem a linguagem da imprensa hespanhola, nós veremos sempre a tendencia atavica de *nuestros hermanos* para o sonhado iberismo, com a capital em Madrid, por cautéla, iberismo que é uma nova fórma de adoçar a pilula da absorção que tal união não poderia deixar de representar para Portugal.

Quando as probabilidades de um conflito internacional se avisinham, a Hespanha fala em arredondar o seu territorio, em ausencia de fronteiras naturais, em compensações de sofridas perdas, etc., e quando tais probabilidades se afastam, a Hespanha, adoçando melifluamente a vóz, fala então no iberismo, na identidade das raças, etc.

Em qualquer dos casos a Hespanha, tratando de si, emprega muitas vezes e evidentemente com propositada intenção, esta expressão: a Peninsula...

Ora, a Peninsula, não é ainda, felizmente, a Hespanha, mas para que não venha a sel-o urge prevenir.

A implantação da Republica em Portugal veiu distanciar-nos muito do país visinho. Nós, como povo democratico que se vai identificando com a marcha do progresso, empregâmos nêste momento todas as forças vivas da nação para o acompanhar, com a energía e entusiasmo de um povo que se sente resurgir e quer avançar; a Hespanha, como povo reacionario que é, estaciona, senão retrogada, á medida que nós avançâmos

Ora é este o duplo receio da Hespanha monarquica e da Hespanha reaccionaria: por um lado a sombra magestosa da Republica a pôr calafrios na espinha á côrte do visinho reino, por outro lado o fantasma da Liberdade a apavorar a Companhia de Jesus que se sente entre a Hespanha e Portugal como entre a espada e a parede.

A Hespanha reaccionaria, essa Hespanha que sustenta 100:000 frades—cem mil!!!—na indolencia bestificante e criminosa dos conventos, não pode, com pena minha, ser descrita num simples artigo de jornal.

Mas um exemplo frisante, póde dar uma ideia do que é esse país fanatisado, bestialisado por esse moderno maquiavel de milhares de cabeças, que é a seita jesuitica.

O comandante de um pequeno navio de guerra português, tendo entrado no porto de Huelva e precisado meter carvão, num domingo, pediu a respectiva autorisação ás autoridades maritimas locais, que lhe responderam só podia ser dada tal licença depois de uma autorisação do bispo daquéla diocese, por ser domingo, autorisação que custava umas tantas pesêtas apenas!

Escusado será dizer que o brioso oficial se negou a pedir tal autorisação e a pagar a tal taxa ao bispo, preferindo esperar pelo dia seguinte para então entrar em relações com as unicas autoridades com que devia entender-se e que como tais reconhecia.

E' claro que um país onde a clericalha manda por tal fórma, é um baluarte, que o jesuita, para não o largar das garras, ha-de empregar todos os recursos da sua poderosa força, da sua manha e da sua infamia.

Se, portanto, para salvar a presa houvér mister empurral-a a uma guerra com Portugal, a Companhia de Jesus não duvidará lançar os dois países numa luta feroz, em que éla, aliás, nada perde e póde lucrar imenso.

Conhecendo o fraco das aspirações da côrte hespanhola, a companhia lisongear-lhas-ha, incitando-a indirectamente a provocar a luta.

Se o pessimismo, pois, do ilustre oficial, que tem como inevitavel a guerra com a Hespanha, não traduz um acontecimento irremediavel, êle representa todavia a hipotese prudente de uma possivel tentativa de intervenção nos nossos negocios internos e de imposições pela força, imposições que pódem ir até a perda da nossa autonomia.

Estâmos nós preparados para sustentar uma luta com a Hespanha, por mar e terra?

Escusado responder a esta esmorecedora pergunta.

Ora, o exercito hespanhol é numeroso, bem armado, e para ser disciplinado basta-lhe estar dominado por um ideal religioso que vai até ao fanatismo.

E' certo que o fanatismo conduz á imbecilidade, e o soldado hespanhol, em nada superior ao português, ha-de ficar-lhe inferior, por que lhe quartam ainda aquilo que o nosso tem agora mais do que nunca: a liberdade de pensar.

Aquêle será um automato, que nem sequer compreenderá a grandêsa da acção em que é comparsa; este será o executor inteligente e patriotico das ordens superiores e dos interesses da sua Patria.

O exercito hespanhol é reaccionario por educação. Integrou-se no espirito reaccionario do seu país, porque a côrte, sentindo que precisa apoiar-se na força, lhe comprou a renuncia aos ideais de liberdade que porventura podéssem vir a animal-o, com concessões especiais que tornam o oficial hespanhol um verdadeiro privilegiado pela satisfação de exigencias e por especiais atenções que representam para com êle uma verdadeira politica de atração.

Foi o critério adotado pelo nosso famoso João Franco quando se propôz empalmar o exercito e assentar os arraiais do seu partido entre a respectiva oficialidade.

A Hespanha tem tido todos os cuidados com o seu exercito sobretudo desde 1900 para cá, tanto mais que, aspirando tambem a colaborar no concerto das potencias, precisava ter com que assegurar as suas pretenções.

Em face das reformas militares da Hespanha desde 1900 o que tem feito Portugal?

Inteiramente nada.

Uma luta que se travasse em curto praso encontrar-nos-ia com pouco armamento e menos municiamento e a braços com a execução de uma reorganisação militar que ainda mal saiu do papel.

Sem material de guerra e administração militar e sanitario, sem preparação alguma para a guerra, sem meios de defêsa, sem uma esquadra que podésse ao menos defender-nos Lisboa de um golpe de mão, como poderiamos fazer frente eficazmente ao invasor?

Humberto Beça

"O Mundo"

Mais um ano, o 12.º, completou no dia 16 este denodado confrade lisbonense que tem por director o nosso presado amigo e intransigente republicano, França Borges.

E' sempre com viva satisfação que saudâmos, por tal motivo, o *Mundo*, jornal que encarnou e ainda hoje encarna o sentimento patrio com indomita coragem, visto como, longe de termos atingido a perfectibilidade, ainda ha quem desdenhe do patriotismo de muitos, que, como França Borges, teem gasto a vida em constantes lutas só com o desejo de contribuirem para a felicidade do seu país, e bem da sua Patria.

Prestando esta singelissima homenagem ao jornal que tantas simpatias conta exatamente porque tem sabido manter inalteravel a sua linha de conduta, ao perseguido de sempre, nós queremos significar-lhe e ao seu director o quanto o admirâmos pela sua isenção e espirito combativo.

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte	*43$100*
Dr. Marques da Costa ..	*1$000*
Antonio Nunes Cabêlo ...	*500*
Soma	*44$600*

Já se averiguaria da intervenção que têve o medico miliciano Pereira da Cruz no livramento do filho de Manuel da Silva pela qual recebeu 45$000 reis, um queijo flamengo, um kilo de chá e uma arroba de assucar?

A que medicos da junta de Aveiro pediría Pereira da Cruz para o rapaz saír livre?

Para que foi aquêle dinheiro arrancado ás economias do pobre lavrador a quem o sr. Pereira da Cruz mostrou a espada para o convencer ainda mais do seu valimento?

Sr. ministro da guerra: não estará provado ainda com os documentos autenticos que apresentámos e com o testemunho da junta medica de Ilhavo, que o tenente medico miliciano Pereira da Cruz vem comprometendo de ha muitos anos a esta parte as juntas de inspecção perante as quaes se diz um bom empenho para o livramento de mancebos do serviço militar mediante a quantia de 50$000 reis?

Não é isto um crime, que déve ser punido para exemplo dos traficantes?

O dia do julgamento é anciosamente esperado!

A BANDA DO 24

Na imprensa, nos quarteis e nos centros de cavaco, entre o proprio elemento militar, chocam-se parecêres e opiniões sobre a falada supressão da maioria das bandas militares, subsistindo algumas apenas em Lisboa e no Porto.

Os defensores do projecto argumentam que a atualidade não é para desperdicios, nem gozos absolutamente dispensaveis, quando ameaçados clara e perentoriamente por uma evasão estrangeira, nada temos para lhe opôr; os adversarios da ideia, alegam que, no proprio exercito, ha muitissimo por onde economisar e que não são os 70 contos anuaes que se dispendem com as bandas, que chegarão para organisar as forças precisas, quando atualmente se dispendem 400 com a existencia de 700 subalternos que se encontram fóra do quadro, sem todavia nêsse vasto campo procurar fazer-se qualquer diminuição de despeza.

Devemo-nos contudo recordar, porém, que a Republica não creou o actual estado de coisas; encontrou-o, e que, sem duvida, lhe cabe a tarefa de modificar no sentido da mais absoluta economia e moralidade, tudo que seja suscétivel de concorrer não só para o equilibrio orçamental, como para aplicação ás mais inadiaveis exigencias nacionaes. E, sem duvida, entre as que mais se impõem, são a defêsa territorial e naval.

Se se grita que a dissolução de algumas bandas vai ferir interesses, não se póde exigir que se risquem do quadro os 700 subalternos, que nêle figuram como adidos!

De facto não fôram êles os culpados, mas aquêles que alteraram e calcaram a lei, admitindo a esmo, nas escolas militares, tantos pretendentes quantos a furia eleiçoeira e as imposições do *caciquismo* apontavam.

Reconhecendo, todavia, a necessidade que a situação impõe da mais absoluta economia e ainda do aproveitamento de todas as verbas que possam derivar a favor de urgentes medidas que concorram para a organisação da nossa defêsa que dia a dia mais necessaria se torna, os nossos desejos são para que se encontre uma medida prática tendente a satisfazer á vontade, pelo menos, da maior parte.

O que se torna necessario é abandonar o sistêma de combater e condenar todas as medidas superiormente autorisadas e que no natural desconhecimento das suas razões, logo se consideram inuteis e dessaproveitaveis, tanto mais se elas nos ferem ainda que levemente, inclusivé nas nossas simples e dispensaveis distrações.

Perguntados sobre a necessidade da existencia da banda nésta cidade, nós reconhecemol-a; mas instados para que digâmos se a preferimos á conveniencia absoluta de com a aplicação da importancia do seu dispendio nos prepararmos para repelir o inimigo que invada o solo da nossa Patria, opinâmos, sem duvida, pela segunda hipotese.

Após impressões trocadas com quem, conhecedor da questão, nos ilucidou, aqui fica consignado o nosso modo de vêr sobre o assunto que os primeiros informes, a seu respeito recebidos, originaram, no passado numero, o apreciassemos sob outro ponto de vista.

Politica de Angeja

Reuniram no domingo, ás 17 horas, no *Centro Dr. Afonso Costa*, em Lisboa, os republicanos de Angeja e Fontão, para se resolver a fórma de levar a efeito a creação de um centro republicano democratico na freguezia de Angeja, concelho de Albergaria-a-Velha.

Tomou a presidencia o cidadão Manuel Marques de Oliveira, tendo por secretários os cidadãos Isidro R. dos Santos e Manuel Esteves de Almeida Pinho. O sr. presidente, ao abrir a sessão, explicou os fins que a haviam determinado e em seguida fez um rasgado elogio dos filhos de Angeja por os vêr ali reunidos em tão elevado numero. Falou tambem o cidadão Antonio Henriques da Silva, que fez um brilhante discurso referindo-se á instrução do povo e fazendo vêr o que é o verdadeiro partido republicano para com o mesmo povo. Foi muito aplaudido, depois do que se tratou de nomear uma comissão para organisar o centro democratico de Angeja e elaborar o seu regulamento, cujos trabalhos fôram logo encetádos.

A sessão terminou no meio de entusiasticos vivas ao partido republicano português, ao dr. Afonso Costa, á Patria, á Republica, de que os nossos correligionarios teem sido verdadeiros sustentaculos.

ABAIXO A CORRUÇÃO!

Nós, o público e o tenente medico miliciano Pereira da Cruz

A Republica hade dar uma prova da sua moralidade.

Os homens do regimen hãode justificar as promessas do passado!

Sigâmos!

O espirito daquêles a quem o sr. Pereira da Cruz implora tanta quanta lhe possa ser dispensada qualquer parcéla de intervenção protétôra em seu favor, no tristissimo caso em que se vê envolvido, implica, sem duvida, para essas mesmas pessoas a convicção e a confissão tacita, por parte do culpado da verdade do crime para o qual, indubitavelmente, o apêlo solicitado representa clemencia!

Porque, logicamente, não se aceita, nem se admite, que quem não cométe um êrro, vá para êle e para si pedir perdão.

E' racional e intuitivo.

Com o sr. Pereira da Cruz, porém, não acontece assim.

Apezar da sua *inocencia imaculada* nêste tremedal de miserias, de que a cidade inteira está absolutamente convencida, o sr. Pereira da Cruz procura, por todos os meios, junto daquêles, que pela sua posição oficial e graduação militar e ainda desconhecimento das provas esmagadôras da sua culpa, lhe pódem ser agradaveis, procura, diziamos, conseguir todo o seu valimento de fórma a aniquilar a evidencia absoluta, nua e crua, da sua indecorosa intervenção na infamante negociata das inspecções militares!

Ouvimos que a alguem que veste uma farda com os distintivos de general, e que pelo seu nome e pelo seu valor é merecidamente conceituado, em especial pela patriotica atitude tomada perante as novas instituições, se pretende fazer incidir a favor dos culpados todo esse valimento de fórma a conseguir—o quê?—que a justiça, de mãos dadas com a moralidade indispensavel do regimen, se curvem e deixem passar-lhe por cima, impune e livremente, os culpados, seja qual fôr o grau da sua responsabilidade!

Não póde ser, não póde ser!

Se o valimento e intervenção da pessoa a que aludimos é distinta e em demasía prestimosa, provém esse valor da segura e honrada orientação por éla dada, aos actos de toda a sua vida.

Por cérto, esse cidadão, conhecedor da verdade sobre a ignobil traficancia, não manchará, no declinar da sua vida prestigiosa de militar pundonoroso e réto, o seu nome e a sua farda! Ha muito quem por éla prefira a morte a deshonral-a! Outros ha, como o sr. Pereira da Cruz, que déla se servem como argumento a assegurar o exito das suas indignas negociatas, como a que vimos referindo.

Não nos move contra o sr. Pereira da Cruz outra razão que não seja o reconhecimento absoluto da necessidade de que, dentro do regimen actual, seja posto termo á prática de actos indignos, que a continuarem, presentemente, representariam o desprestigio e a morte da Republica e a excomunhão daquêles, que, esquecendo as suas juras e as suas promessas, ludibriariam o povo português faltando a élas, infame e indignamente.

Ao sr. Pereira da Cruz, como a qualquer outro individuo, em triste egualdade de circunstancias, pediriamos a responsabilidade dos seus actos e para êles **todo** o rigor da lei em harmonia com a gravidade do delito, perfeitamente alheiados á pessoa e ao nome do criminoso, fôsse êle qual fôsse.

Dizemos assim, porque se pretende entre outros boatos e processos tendenciosamente espalhados pelo reduzido numero de amigos do sr. Pereira da Cruz, fazer convencer a opinião pública, de que a campanha aqui sustentada ha cêrca de dois mezes, é resultado de odios e vinganças pessoaes, como se dêsses odios e vinganças nascessem a existencia real dos factos consumados e que o proprio acusado, na ancia esperançosa da sua absol-

vição, é o proprio a atestar, chamando a si todos os elementos que reputa indispensaveis para esse *desideratum!*

Mas ha porventura alguem que. conscienciosamente, não reconheça a criminosa existencia dos factos, que, ha tantos anos, consumados com o mais descarado cinismo, podéram sómente agora, pela decidida resolução duma junta medica militar, ser evidenciados de fórma a não oferecer a mais léve duvida?

Com que fim pretendem, pois, aquêles que, por interesses reservados ou por identificação de costumes, cobrem o criminoso, alterar a verdade dos factos consumados, verdade que é, pelo menos, tão limpida como a luz do sol?

Emquanto, porém, os interessados, por várias fórmas e processos procuram dificultar o apuramento minucioso dos factos, pondo em pratica todos os estratagemas imaginaveis—como prova evidente da *inocencia* do acusado—o auto de corpo de delito continúa seguindo e engrossando com provas irrefutaveis e absolutamente demonstrativas da verdade tremenda de toda esta vilêsa, que nas colunas do *Democrata* temos vindo tratando e expondo com todo o desassombro, porque entendêmos que só assim se dignificará o regimen, e a Republica póde vir a ser respeitada como é mistér que o seja.

Não é só o público désta cidade que tem os olhos postos no decorrer désta magna questão; não são sómente aquêles, que, como nós, republicanos acima de tudo, engrandecendo as instituições e por élas lutando, atentam no que se passa. Lá fóra, aquêles que mais alto se encontram e por isso mesmo mais responsabilidades nas suas pessoas se refletem, não perdem um momento em conhecer do estado e andamento do processo, e de quanto sobre o tristissimo caso se vae passando. Nem podia deixar de ser—em boa hora o digâmos—pois na liquidação désta vergonha, tem a Republica pelos seus homens, pelos seus servidores e representantes, de dar uma prova cabal da sua moralidade e da sua honra!

Ai do miseravel que a desrespeite, seja éle auditor, general, ministro!

Ai do que, conspurcando a sua farda para tentar lavar nodoas que já não saem doutra, maculasse a brancura das vestes que cobrem a justiça, dentro da Republica que se apresentou para o seu triunfo como o seu maior sustentaculo!

Contra aquêle que a maculasse, levantar-se-iam as proprias pedras das calçadas e sería apontado á nação inteira como ainda mais criminoso que o verdadeiro culpado!

Apoiado donde quer que estivesse, o seu nome ficaria gravado nas paginas da Historia e na memoria do Povo como o estigma dum crime; amaldiçoado como uma sombra pavorosa, acordando o anátema dos que o vissem, a repugnancia dos que se lhe aproximassem!

Não se conclua, comtudo, que queremos a cabeça do sr. Pereira da Cruz. Ela é suficientemente ôca para que seja bem reduzido o seu valor. E tão vazia, que lhe permite ameaças aos que, com todas as formalidades da lei, declaram e precisam os serviços e a paga, que o afamado clinico lhes tem dispensado nas épocas produtivas das inspecções ou então deixa-o, após determinadas visitas noturnas onde se fazem protéstos contra a *perseguição* de que é vitima, enter acêsos de colera e de despeito, que, ao passar por nós ou pela nossa humilde residencia, nos fite entre lampejos significativos daquêle olhar felino, que lhe é peculiar, e sorrisos misteriosos, taes quaes aquêles que lhe brincam nos labios quando embolsa as tentadoras e coloridas notas com que lhe costumam pagar a *desinteressadissima* intervenção em pôr fóra do serviço militar qualquer desgraçado a quem ludibriou, explorando-o!

O puritano!

Exercicios militares

Na passada segunda-feira, com a precisão das cousas militares, saíu do quartel do 1.º batalhão, junto ao jardim, todo o regimento de infanteria 24 na força de 500 homens de fileira.

Eram 16 horas. Pouco antes, vindo do quartel de Sá chegára o 2.º batalhão que, reunido ao resto da força, se poz em marcha, estando nas imediações do quartel uma grande quantidade de povo e varias familias de oficiaes e sargentos que ali iam trocar ainda um olhar com aquêles que, no cumprimento dum dever instrutivo e em satisfação a ordens superiores, as deixariam por alguns dias.

Dada a ordem de partida, a banda executou uma marcha e o regimento, numa evidente disposição de que todos nêle encorporados compreendiam o seu dever, cumprindo-o gostosamente, evolucionou com notavel precisão e entrou em desfile seguindo a banda, que tomou a direcção do sul, dirigindo-se a Vagos onde naquéla noute bivacou.

Desde a Praça Luiz de Camões até á barreira *terminus* da cidade, filas de gente aguardavam a passagem dos nossos saldados, que saudavam, assim como aos dignos oficiais, incluindo o simpatico coronel comandante sr. Matos Cordeiro, que, sorridentes, retribuiam os cumprimentos dos espétadores de tão imponente espétaculo, tendo-os acompanhado até Ilhavo e Vagos grande numero de individuos em bicicleta.

O serviço de saude foi sob a direcção do medico miliciano, sr. Lourenço Peixinho e as cinco viaturas da administração militar sob a direcção do tenente, sr. Canelhas.

Ante-ontem de tarde chegou aqui o 3.º batalhão de infanteria 28, sob o comando do sr. major Paulo de Quental, na força de 180 homens, procedente de Agueda, seguindo na madrugada de ontem para Estarreja na satisfação do seu etenerário.

As praças, apezar da longa caminhada, andaram pela cidade, percorrendo-a, belamente dispostas apezar da lama e—quem sabe?—da fardêta ainda humida da chuva que apanháram.

Esta força encontrou no logar da Mamarrosa o regimento de infanteria 24 que avançava na melhor ordem e que, no proximo domingo, deverá regressar a esta cidade, vindo de Estarreja, cêrca das 10 horas.

Não podêmos deixar de referir a diferente e variada impressão agora notada e mantida entre o povo e o exercito, o cidadão e o soldado, no mais simples e afectuoso convivio, para aquéla que, em identicas circunstancias, se mantinha noutras épocas em que de cima só se julgava o exercito a guarda pretoriana de um trôno pôdre e duma dinastia fradesca inimiga do povo, seu irmão.

Felizmente a compreensão vae sendo outra, bem outra e ainda bem.

* * *

Um grupo de esquadrões constituido por um do regimento de cavalaria n.º 7 e outro de cavalaria n.º 8, saiu de Aveiro no dia 9 do corrente e regressou de novo aqui no dia 15.

O grupo foi comandado pelo sr. major de cavalaria n.º 8 Carvalho da Costa; os esquadrões pelos srs. capitão Leopoldo Soares e João Leiria, tendo como serrafilas os tenentes comandante do 5.º esquadrão de reserva Francisco Dias da Cruz Porto e João da Cruz Oliveira, da Guarda Republicana do Porto, tomando parte nos exercicios os tenentes Antonio Rebêlo, Paulo Teixeira, Ribeiro Nunes, Velôso, Peixoto, Cunha e Costa, Nazareth e alferes Mesquita.

Como encarregado do serviço veterinário, acompanhou o grupo o capitão, sr. João Lino, e do serviço de saude o tenente medico José Soares.

Exerceu as funções de provisor o incansavel e activo tenente do corpo de oficiaes da Administração Militar, Gaspar Mascarenhas.

Encorporados no grupo de esquadrões, ainda vimos os seguintes sargentos: sargento ajudante Justino da Cruz, 1.º sargento Castélo Branco, 1.º sargento Costa Gomes, 1.ºs sargentos graduados cadêtes Zuzarte, Figueiredo e Pedreira e 2.ºs sargentos Batalha, Desterro, Duarte, Alves, Miguel, Mátos, Moutinho e Serpa, e seleiro correeiro Wenceslau.

O 2.º sargento Miguel, seleiro e correeiro Wenceslau e especialmente o sargento ajudante Cruz, são dignos dos maiores louvores pela grande actividade e esforços que empregaram na secção de quarteis de que fizeram parte, cuadjuvando eficazmente o tenente Gaspar Mascarenhas, oficial provisor, que, com notavel zêlo e acêrto, desempenhou os serviços administrativos, que seguiram com toda a regularidade.

As *étapes* foram: 1.ª Mira. 2.ª Montemor-o-Velho. 3.ª Cantanhede. 4.ª Oliveira do Bairro. 5.ª Albergaria-a-Velha. 6.ª Oliveira de Azemeis. 7.ª Aveiro.

Pessoal e animaes resistiram bem a todas as fadigas da manobra.

Durante a execução das manobras realisaram-se variados exercicios de tática abstrata, cargas, serviço de combate a pé (serviço de atiradores), serviço de segurança em marcha, de estacionamento, etc., tendo tudo corrido com a mais perfeita regularidade e mostoando-se satisfeitos tanto os oficiaes como as praças, apezar das vias de comunicação, se encontrarem quasi intransitaveis na maior parte.

E' digna de nota a bôa indole da gente da Bairrada que, andando a fazer a vindima, corria de todos os lados da estrada a oferecer deliciosas uvas aos soldados, que as comiam com indizivel apetite, aos cestos cheios, metigando assim a sêde torturante que os oprimia no meio das incomodas nuvens de pó que á sua roda se levantavam.

As forças do partido norte fôram obrigadas a retroceder pelas do partido sul, quando procuravam efectuar a passagem pelas pontes de Alquerubim, Vouga e Vau, situada a montante desta, tendo-se realisado seguidamente um combate entre os dois partidos, na margem direita do rio Vouga.

Emfim, os exercicios de cavalaria nésta região não podiam ter melhor exito, o que nos apraz registar como um bom sintôma para as instituições republicanas.

Que nos importa a nós que o sr. Pereira da Cruz faça protéstos de inocencia, aparente despreocupação de espirito, passeie as ruas da cidade com aquêles ares de imponencia que lhe davam fóros de intangivel, se a opinião pública o aponta como um burlista, um homem que se sérve dos mais infames expedientes para arranjar dinheiro, sem respeito pela profissão que exerce, pela farda de tenente miliciano com que se faz distinguir?

Que o medico Pereira da Cruz perdeu a vergonha, toda a gente o sabe.

Mas que, por assim ser, continúe a abusar dos que o não conhecem e portanto o julgam pelas aparencias, isso nunca!

Acida de tudo a moralidade do regimen e o respeito á lei, se é que éla existe em Portugal para castigar os delinquentes de farda ou chapeu alto!

Sem exemplo

Por mais duma vez nos tem perguntado um *teimoso leitor*, se não metemos em linha de conta o simulacro de defêsa que o *Bébes* esboça, em proveito da infamissima questão de isenção de mancebos do serviço militar.

Para evitar a insistencia do *teimoso leitor* que, pela fórma como trata do assunto, mostra merecer-nos a resposta, temos a dizer que *Bébes* defendendo o acusado da repugnante *escroquerie*, está no seu papel, com a diferença apenas de que tal defêsa só trará o agravamento da situação do culpado, porque patronos daquêles comprometem apenas o sr. Pereira da Cruz, que deve sentir-se contrariadissimo, éssa justiça lhe fazemos, pois *mais vale só que mal acompanhado*, como diz o velho axioma.

Falhando ao acusado, por completo, a força moral que lhe poderia advir, na presença da sua situação, pelo valor e importancia daquêles que ao seu lado se colocassem diminuindo, se possivel fôsse, o grau de responsabilidade da sua culpa, deve evidentemente o sr. Pereira da Cruz sentir-se vexado aos seus proprios olhos, encontrando-se apenas com o *Bébes*, a cheirar a fumo da sardinha assada á porta da tasca, onde joga a suéca a copos de vinho.

O efeito da presença de tal defensor é, sem duvida, desastroso, tanto mais que éssa repelente creatura não possuindo a mais insignificante parcéla de valor no conceito publico, tem descido ás ultimas infamias não hesitando, ainda ha bem pouco, em firmar um documento, que apresentou em juizo, no qual falsamente denunciava á justiça, como ladra, a sua propria filha, senhora casada e honesta, absolutamente incapaz de praticar tal acto, mas de que a abjecta creatura lançou mão, como vindicta pela interferencia déssa senhora num acto deprimente e vexatorio que o emerito beberrão praticára.

Qual será pois o resultado moral e o valor real duma defêsa feita néstas circunstancias?

Que responda o esclarecido espirito do *teimoso leitor* a quem solicitâmos que nos não force a referir á horrorosamente *impressionavel e impressionante* figura da alcoolica... vasilha, que diária e constantemente rola pelas tascas de todas as categorias, que o vicio alimenta por aí.

Bébes, como incentivo para o ridiculo, unica fase ainda aproveitavel que nos apresenta, só póde ser apreciado e exibido como até agora o temos feito; de resto, nada mais e comnosco deve concordar o *teimoso leitor*, que está tão apto para conhecer do que dizemos como nós proprios.

Colégio de Nossa Senhora da Conceição

Por varias vêzes nos têmos referido a este colegio de educação e instrução de meninas, e hoje publicâmos noutro logar o seu anúncio de abertura para o proximo ano lectivo.

Sendo a mais antiga casa dêste genero que Aveiro possue, é ao mesmo tempo um estabelecimento modelar que a todos se impõe pelo escrupulo com que ali se ministra a instrução pois se tem sempre em vista os progressos constantes da pedagogia, e, pela evolução social, se não esquece que é indispensavel pautar a educação pelas modernas ideias que se não harmonisam com velharias e preconceitos que, se de alguma coisa servem, é apenas para imobilisar o espirito na sua aspiração constante de libertação.

Com um corpo docente escolhido, uma ótima instalação e uma lista honrosa, como poucas, de bons serviços á instrução e educação de tantas meninas, algumas das quais são hoje boas donas de casa, carinhosas mães, o Colegio de Nossa Senhora da Conceição não carece dos nossos encomios para que a êle ocorram todos os que quizérem para suas filhas uma educação perfeita, verdadeiramente modelar, inteiramente liberal. Nêle encontra cada aluna um novo lar, uma nova familia com todos os atractivos da vida doméstica, com todas as solicitudes e carinhos paternais.

Recomendál-o aos interessados sería supérfluo, porque sobejamente é o colegio conhecido; mas que, como sempre, tenha muitas e muitas alunas, são os nossos votos.

Brevemente: um novo documento sobre a "chantage" do tenente medico miliciano Pereira da Cruz.

O "Mijarêta"

Decorrem os dias e o nosso heroe lá continua por terras de Hespanha (!) para onde varios membros e dedicados servidores do velho *complot* aqui pediram salvos condutos, que a autoridade judiciosamente negou.

Absolutamente impossivel negar a saída do homem para além fronteira, tentam jnstifical-a espalhando que uma pequena digressão ali o levou, se isso em absoluto não brigasse com as *jeremiadas* repetidas sobre as dificuldades e probrêsa do erario... familiar!

Não nos iludâmos.

Ha o quer que seja que se estuda e prepára, com a opinião e conselho dos velhos mentores—Cristo & C.ª—que facilmente podem ser ouvidos e consultados, pois de Hespanha a Paris meia duzia de horas bastam.

A guarda avançada já aqui a têmos, com os velhos ares de imponencia e grandêsa...

Preparêmo-nos para receber condignamente o general liliput que, por cérto, será portador de novo plano adequado á atualidade e que, como os anteriores, sob a sua presença e direcção ha-de, talvez, ser executado.

Colhidos de surprêsa é que não havemos de ser. Entretanto se houvérmos de voltar aos tempos em que toda a fiscalisação e vigilancia era pouca para que esses e outros inimigos das instituições não podessem fazer vingar os seus criminosos intentos, contem que não ha-de haver descuidos...

Da autoridade respectiva chamâmos a devida atenção para o que se está passando e vae passar...

Nós sempre... álerta...

CONGO BELGA

Aos nossos honrados assinantes désta parte da Africa, rogâmos o favor de satisfazerem os recibos do DEMOCRATA ao sr. Henrique Madail, empregado da casa "Valle, Figueiredo & C.ª", que dêles se acha depositario e obsequiosamente se encarregou da missão de os cobrar, como bom cooperador, que é, do nosso semanário.

Casamento

No ultimo sabado casou civilmente o sr. João Rodrigues Marques Junior com a menina Rosa da Apresentação Paulino, filha do nosso amigo Joaquim José Paulino.

O noivo, que é honesto e trabalhador, encontrou, sem duvida, na eleita do seu coração as qualidades que podem fazer um lar feliz e por isso estamos convencidos que para os jovens nubentes decorrer-lhe-ha a vida tranquila e sorridente como por todas as razões bem merecem.

Ao acto, que foi muito concorrido, assistiram, além dos padrinhos, o sr. José Marques Soares e Felisbela Luiza das Neves os srs. João Bernardo Ribeiro Junior, Alfredo Cesar de Brito, Elisiario Moreira, João Casimiro da Silva, Antonio Augusto da Silva, Aida Soares, Maria Rodrigues Marques, Maria José Paula Graça, Agnelo Ferreira da Fonseca, João Rodrigues Marques, Misael Rodrigues Marques, Bernardo Ferreira Fonseca, os pais dos noivos etc.

Aos simpaticos nubentes apetecemos-lhe em largo futuro tão feliz, e venturoso quanto os seus corações o desejam.

MANEJOS REACCIONARIOS

Oliveira do Hospital, Bobadéla, 11

Dizia, ha pouco, com muita verdade, um padre liberal désta região, que nem Pombal nem Afonso Costa conseguiram fazer a expulsão dos jesuitas.

Isto é assim.

Existem por toda a parte jesuitas de saias, jesuitas de cabeção e jesuitas de casaca.

Criou raizes profundas a seita négra neste abençoado solo, fêz escola, ganhou adeptos, que mutuamente se auxiliam para conseguirem os seus fins.

No espirito déstas creaturas ha visões redentoras de fogueiras inquisitoriaes, sonhos de armas que se cruzam, de cadaveres que rodam nos escombros, de tapêtes rubros de sangue, por onde o estrangeiro triunfante ha-de trazer-lhes a victoria da seita e a vingança contra um povo, que têve o arrôjo de combater pela salvação da sua Patria querida, quando éla de abismo em abismo, desaparecia e se afundava num már insondavel duma pirataria infame.

Desde a manhã redentora de cinco de outubro, que sobre este solo da nossa Patria se vê pairar, num labutar constante duma intensidade gigantesca, um sol brilhante a cauterisar cancros, a desfazer trevas, a iluminar os cerebros e a purificar consciencias.

E' este o maior crime da Republica Portuguêsa!

A luz deslumbra os miseraveis que só na escuridão podiam assaltar a consciencia da alma deste povo adormecido no sono da ignorancia enchendo-a de terrôres supersticiosos e roubando-lhe a purêsa das suas crenças no amôr da familia e da Patria. E assim, ás mães roubavam as filhas, á Patria os cidadãos, a luz e a vida. E assim, de mãos dadas, jesuitas de casaca e de sotaina, parasitávam no coração dum povo escravisado e cégo.

Rebentando a luz, rebentou o odio. O jesuita afia o punhal, prepara-se para a luta e tenta lançar um povo inteiro numa guerra fratricida. Por toda a parte se conspira na sombra, e de todos os meios se serve para atingir os seus fins.

Homens sem consciencia, que matam nas egrejas ou as transformam em lupanares, como aconteceu na minha freguezia, êles associam-se e protegem-se na sua acção destruidora, procurando pelo terrôr da miseria apagar o facho, que se incendeia na alma do povo, dominal-o, e convencêl-o de que não póde, nem deve, têr vontade propria. E ai do que tenta reagir! A esse tiram-lhe as casas, que habitam, as terras, que cultivam, emquanto êles continuam a receber bons proventos da Republica, que hostilisam por todas as formas e feitios.

E' preciso que a esses nucleos dissolventes, que por toda a parte existem, se oponham outros, que, altiva e patrioticamente trabalhem com tenacidade e sem transigencias, para que o mal se não alastre.

Que os republicanos se unam como irmãos e o seu protésto apareça sempre contra qualquer prepotencia de que um seu correligionario seja victima. Porque, sendo este país republicano, não podemos consentir que alguem se atrêva a coagir o povo a não manifestar o que sente, ou a não defender o seu ideal, sem que o firam logo nos seus interesses materiaes.

Que esse *cacique* seja apontado para que todos o conheçam e para que a Republica saiba que esses homens conspiram contra a sua integridade, senão directa pelo menos indirectamente.

* * *

Relativamente ao facto, a que neste jornal me referi, do padre désta freguezia têr cometido actos indecorosos com uma senhora, junto ás portas da sacristia, resolveu o grupo democratico désta terra, não continuar a publicação da cronica do tonsurado, bem como deixar sem publicidade—até vêr—outros acontecimentos, que com êle se relacionam. Confirmo, no entanto, as minhas primeiras afirmações.

Agostinho da Costa Ilharco

PRAIAS DO LITORAL

Costa Nova, 19

Mais uma semana decorrida mais uns 7 dias fagueiros na historia poetica da Costa, que são como séte pecados mortais... se de amor se póde pecar e...morrer.

Intermitencias de sol e de chuva, alternativas de calor e frio, mas tudo tem vindo com a mais providencial oportunidade variar a estação na pitoresca praia.

E tem sido um beneficio. Sentila a faisca do amor, aquecem os corações, a temperatura eleva-se, todo o peito é um brazeiro e seios palpitantes ha donde já irrompem as labaredas com violencia. O incendio ateia-se; a praia corre seu risco e os bombeiros, tão longe, não podem acudir ao fogo, que lavra com alguma intensidade. Então intervem sua senhoria a D. Providencia, vêm uns borrifos de agua para refrescar os peitos ameaçados e salvar ao menos estes porque os outros... abrazados já não têm salvação possivel...

Pois se êle, a Costa, a ria, o mar, os *palheiros*...tudo isto, é tão poetico!... como não ha-de convidar a amar?

Na praia dois olhares que se encontram, na ria dois sinais que se cruzam: éla na varanda, êle na bateira...

Segue-o com a vista, outros surgem. O vasto lago da Costa povôa-se a pouco e pouco; as vélas, muito brancas, cruzam-se em todas as direcções como azas pandas de gaivotas, deixando na agua a esteira prateada do seu voltear silencioso; aqui e além, numa toada carateristica, o susurro léve dos rêmos na agua, e quebrando o silencio mistico dêste previligiado excerto da naturêsa, de quando em vêz, a gargalhada estridente das gentis donzélas que em brandas remadas impelem as suas bateirinhas no espelho incomparavel da ria.

E a outra, a da varanda, em anceas de ave ferida, segue fielmente a bateira do eleito da sua alma, persistindo em descobril-o entre os arrojados tripulantes da elegante barquinha...

O sol sóbe ao sólio etério, declina vagaroso no ocidente a esconder-se nas vagas do Atlantico, envolvendo em reflexos de rubro e ouro os *palheiros* da Costa e das bateiras ouve-se, ao erguer-se o rosto palido da lua:

Desponta a lua no ceu
recolhe o barco ao 'staleiro,
recolhe tambem os beijos
do teu amor, marinheiro...

*

Ora a Costa é uma estancia de mar encantadora e sem duvida poética. A poesia, porém, casa-se pessimamente, ou antes, não chega a casar-se com a porcaria. Para que, pois, a Costa fosse apreciada em toda a sua belêsa, em toda a sua poesia, por *touristes* e banhistas, não podía a Il.ma idelidade de Ilhavo mandar proceder a uma linpezasinha na estrada marginal dando assim, mesmo, uma ideia muito abonatoria das suas medidas higienicas e de asseio?

Sim, porque, do contrario, toda a gente dirá que os Il.mos édis *ibalhenses* são... pouco asseiados, salvo seja, está bem de vêr — nas suas pessoas corporais, espirituais e correlativas adjacencias. Temos a certêsa e jural-o-iamos sobre umas *horas* que suas senhorias são tão limpos do corpo como da alma...

= Festejando o seu aniversario natalicio, reuniu, em 17, em sua casa, algumas familias de suas relações, o nosso amigo Francisco da Encarnação, zeloso funcionario de fazenda da Republica e administrador do concelho de Vagos.

Passou-se uma agradavel noite, dançando-se até tarde e fazendo os srs. Craveiro e Joaquim do Carmo Ferreira, alguns numeros de musica que foram bastante apreciados.

Ao sr. Encarnação desejâmos largo futuro com as prosperidades de que é digno.

=Por ter passado tambem ontem o 9.º aniversario do filho mais velho do director do *Democrata*, reuniu êste, egualmente, algumas familias das suas relações no seu *palheiro* onde, numa grande sala, que é talvez a melhor da Costa, á beira da ria, se dançou animadamente até depois das 2 horas da manhã de hoje.

Estivéram néssa reunião os srs. Beja da Silva e esposa, dr. Simão José, Antonio Felizardo e esposa, dr. Manuel Alegre e esposa, Joaquim do Carmo Ferreira, D. Regina Miranda, D. Felicidade Candida Ferreira, dr. Samuel Maia e filha, Cristiano de Souza, Carlos Mendes, Humberto Beça e esposa, dr. Joaquim Silveira, esposa e cunhada, Joaquim Paulo e esposa, Manuel Craveiro, Alfredo de Brito, D. Laura Prazeres, D. Georgina Peres, D. Maria Almeida do Vale Guimarães, D. Eduarda Miranda, D. Luiza Miranda, D. Maria da Natividade Lopes, Fausto Sampaio, Artur Sacramento, J. de Pinho, Fausto Sampaio e José Guerra, além doutros cujos nomes nos não ocorrem nêste momento.

Como acima dizemos, dançou-se com *entrain* até tarde e na melhor disposição de espirito, saindo os convidados do sr. A. Ribeiro, quando mais não fôsse, convencidos de que a Costa Nova é bem uma praia... para espalhar tristêsas.

= Uma comissão composta dos srs. dr. Samuel Maia, dr. Manuel Alegre, Arnal o Ribeiro, dr. Simão José, dr. Joaquim Silveira, José de Pinho, Antonio Agra, José Vaz, Joaquim Paulo e dr. Eduardo Moura, projéta para os proximos dias 22, 23 e 24 imponentes festejos nésta encantadora estancia balnear, cujo programa consta de corridas de natação e de biciclétes, regata, jógos *sportivos*, bailes, musica, iluminação, serenata, fogo de artificio na ria, e muitos outros numeros que trarão á Costa consideravel concurso de visitantes.

O programa da regata está assim elaborado:

1.ª corrida

Pair-oars

Certoma. Timoneiro, Manuel Sacramento; vóga, José Guerra; prôa, Manuel Lemos.

Brizéla. Timoneiro, Antonio Maximo Junior; vóga, Artur Sacramento; prôa, Antonio Rocha.

2.ª corrida

Bateiras

Ligeira. Timoneiro, dr. Simão José; vóga, Remigio Sacramento; prôa, Fausto Sampaio.

Patria. Timoneiro, Joaquim Paulo; vóga, Luiz Cristiano; prôa, Artur Cunha.

Tricana. Timoneiro, dr. Manuel Alegre; vóga, João Cristão; prôa, Manuel Bingre.

3.ª corrida

Bateiras

Bairrada. Timoneiro, G. Vilão; vóga, José Cardoso; prôa, José Lebre.

Transatlantico. Timoneiro, Antonio Felizardo; vóga, Eduardo Rocha; prôa, Antonio Razoilo.

Costa Nova. Timoneiro, José Souza; vóga, Manuel Marta; prôa, José Téles.

4.ª corrida

Pair-oars

Certoma. Timoneiro, Antonio Rocha; vóga, Manuel Sacramento; prôa, Firmino Picado.

Brizéla. Timoneiro, José Taveira; vóga, Maximo Junior; prôa, Aurelio Costa.

5.ª corrida

Moliceiros, a 4 varas

Ai filha que bem que falas. Patrão, Eduardo Ançã; varas: João Cristão, José Guerra, João Coito e Antonio Razoilo.

Ora déspe a camisinha. Patrão, Carlos Marnôto; varas: Duarte Grilo, Artur Sacramento, João Pedro e Manuel Bingre.

6.ª corrida

Caçadeiras

Fagueira. Timoneira, D. Ofelia Rezende; vóga, D. Gloria Teixeira; prôa, D. Prazeres Vieira.

Soledade. Timoneira, D. Laura Prazeres; vóga, D. Silvia Tavares; prôa, D. Regina Miranda.

7.ª corrida

Barcos de mar

Arréda que te espéto!—Arráes, Arnaldo Ribeiro; remadores: Antonio Razoilo, José Guerra, Antonio Maximo Junior, José Lebre, M. Sacramento, H. Cunha, A. Martins, M. Marques, M. Bingre, Francisco Victor, M. Craveiro, Fernando Vilhena, Duarte Grilo e Fausto Sampaio.

Bai de roda libre... Arráes, José de Pinho; remadores: E. Rocha, José Cardoso, Artur Sacramento, Remigio, João Pedro, José Téles, Manuel Marta, Luiz Cristiano, João Cristão, Manuel Vitorino, Eduardo Ançã, M. Mélo, João Coito e J. Vieira.

O juri será assim composto: *presidente:* Silverio da Rocha e Cunha, capitão do porto; *vogaes:* Beja da Silva, dr. Eugenio Ribeiro, Joaquim do Carmo Ferreira e dr. Eugenio Couceiro.

Juiz da partida, Francisco da Encarnação; *juiz da chegáda*, dr. Samuel Maia; *fiscáes:* Antonio Agra, Henrique Rato, dr. Joaquim Silveira e Antonio Victor.

Os prémios, que são importantissimos, constam de alguns bacalhaus, generosamente comprados pela comissão, que os oferece, não contando com as surprêsas destinádas aos vencedôres e que hão-de causar admiração ao mais pintado... *dandy* da praia.

Toda a gente anceia porque cheguem esses dias e os festejos sejam iniciados, o que nos consta se fará no sabado, caso possa vir uma das bandas contratadas das de maior reputação no distrito de Aveiro.

Gualdino

O medico miliciano Pereira da Cruz faz espalhar que nos exigirá no tribunal a responsabilidade do quanto aqui temos dito a seu respeito e que lhe havemos de pagar caras indemnisações pelas "calunias,, de que tem sido "vitima,,.

Quando quizer. O DEMOCRATA responderá, provando, que o sr. Pereira da Cruz é um autentico burlista, e como tal se tem locupletado com quantias que a outros já teriam feito entrar na cadeia se não fôsse a desigualdade que existe na aplicação da lei.

Convença-se o tenente medico miliciano que nem nos intimida com as suas ameaças nem nós nos calarêmos emquanto justiça não fôr feita para exemplo dos que tão indignamente exploram a ignorancia popular.

Tourada

No proximo domingo deve realizar se na praça de Santo Antonio, nésta cidade, a primeira tourada dêste ano, o que traz alvoroçados os amadores do genero, que entre nós são bastantes.

Deve haver uma enchente, pois não só pela novidade, como pelo programa, o espectaculo é convidativo.

Transcrição

O quinzenario *A Voz de Torredeita* transcreveu do nosso penultimo numero o artigo do sr. Agostinho da Costa Ilharco, pelo que lhe agradecemos.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

SETEMBRO	
DIAS	PHARMACIAS
22	RIBEIRO
29	ALLA

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco* e *Kiosque Elegante*, no Rocio.

A IMPRENSA

continúa a ocupar-se do caso Pereira da Cruz

Diz o nosso coléga *Progresso de Alquerubim*:

PELA VERDADE

«O *Democrata*, jornal republicano de Aveiro, ha tempos já que persiste numa companha contra a baixa conduta do medico Pereira da Cruz, acusado de livrar ilegalmente, mediante a espórtula de uns tantos mil reis, mancebos do serviço militar.

A principio correu á *boca pequena*, que o *Democrata* se queimaria com a mesma lenha; agora, porém, o caso parece mostrar a quem assim falava que a verdade quer triunfar.

Desmascare-se a hipocrisia!

Bandalheiras, praticadas seja por quem fôr, não devem ser encobertas, para bem da moralidade e do regimen.»

Por sua vez o *Povo de Agueda* escreve:

Livramento de recrutas

O nosso coléga de Aveira *O Democrata* vae fazendo uma vivissima campanha contra dois medicos que, segundo afirma, apresentando mesmo documentos comprovativos, livrávam mancebos da vida militar ao preço de 50$000 reis por cabeça. Parece que as instancias competentes já tomaram conta do caso e nós esperarêmos pela sua completa liquidação para fazermos os devidos comentarios. Mas o que é preciso é que essa liquidação se faça com justiça e que num caso de tamanha responsabilidade não se atenda a correligionarios, parentes ou amigos. Que ocultas influencias de compadrio não vão entravar a acção da justiça, que deverá ser inexoravel, é o que, para bem de todos, vivamente desejâmos.

Já no tempo da Monarquia nós ouviramos dizer que no distrito de Aveiro, medicos havia que passavam atestados falsos para isenção de recrutas pelo preço de 50$000 reis.

E' preciso que tudo se averigue e que, por forma alguma, se continúe no regimen de suspeita, se, na verdade, algum medico do distrito em tão pouco merito tem as suas cartas e tanto abandalhou a sua honrosissima profissão, que sobre êle recaia um castigo exemplar.

E ao *Democrata*, a quem se deve esta campanha de moralidade, não regatearemos louvores.

A todos sabemos e queremos fazer justiça; até áquêles que para comnosco não procedem por forma identica.

Comunicados

Ao sr. inspector escolar de Anadia

Pelo que acabam de me informar, v. ex.ª ignora talvez a questão da casa da aula do sexo masculino désta freguezia. Diz v. ex.ª que a pretendida mudança da casa da aula do sexo masculino obedecia a manejos politicos que eu quiz pôr em acção, etc., etc. V. ex.ª fala sem conhecimento de causa ou se a teve não podia ser mais mal informado. E uma má informação posta em pratica do modo como a põe o sr. Amorim, fere bastante e deixe-me dizer a v. ex.ª que não estou resolvido a consentir em tudo que para cima de mim querem atirar os meus inimigos. E por que não estou resolvido a consentir todas as colunias que me querem imputar, eu vou dizer a v. ex.ª como as coisas se passaram sem o menor receio de ser contraditado pelos meus inimigos e máus informadores do sr. sub-inspector escolar de Anadia.

Fazendo parte da comissão municipal administrativa do concelho de Oliveira do Bairro, estava em sessão e, entre os requerimentos escritos, estava um (e está ainda) do senhorio da casa em questão exegindo mais cinco mil reis ou sejam vinte e cinco mil reis de renda anual, com condição de a comissão aceitar aquéla renda ou dar a casa despejada em Janeiro do corrente ano. A comissão municipal administrativa nêsse tempo parecia querer administrar, e o então presidente, sr. Santos Ferreira, dirige-se-me perguntando se se arranjaria uma casa em regulares condições tanto para a aula funcionar como para residencia do professor, visto que a actual não tem e o professor exegia tambem néssa ocasião vinte cinco mil reis para renda de casa. Discutiu-se néssa sessão o caso da casa da aula e todos concordaram em que a comissão não podia pagar 50$000 reis só por uma casa de instrução. E assim que visse eu se cá na freguezia descobria uma casa em bôas condições e mais barata. Respondi que havia uma casa em melhores condições higienicas e mais enxuta do que a actual, tendo além da casa da aula uma bôa vivenda aldeã e que custaria muito menos dinheiro a renda de todo o predio. Que me encarregasse de saber o custo da casa, diz o presidente, e na sessão seguinte désse conta das minhas deligencias, o que fiz. Nada consta da acta, mas eu sabendo que a mudança da aula dava que falar, ordenei que a comissão viésse vêr a casa e resolvesse como melhor julgasse.

Fez-se a vistoria com 3 membros da comissão, eu, Manuel de Oliveira Mota e João dos Santos Pato, resolvendo o sr. Mota e Pato justar a casa por 30$000 reis de renda anual sob condição de remover umas paredes, que imediatamente fôram removidas, dando-se conta do contracto ao resto da comissão, que aprovou.

Surgiram então os taes manejos politicos, de caldeia com a calunia, chegando a dizer alguem ao sr. Amorim que a casa chegára a andar debaixo de agua, quando é um dos sitios, senão o sitio mais alto do centro da freguezia. Outros que a renda da casa era mais barata, que o senhorio a deixava pela mesma renda, desistindo verbalmente o professor dos 25$000 reis que exigia, para não passar a aula. E todos se pozéram a dormir na esteira vergonhosa de não tratarem das coisas como deviam. Mas a verdade é que o senhorio Coutinho não enviou á camara novo requerimento, sendo, portanto, a renda a pedida e que alguem lhe ha-de dar—25$000 reis.

Diz o sr. sub-inspector que aprovou a casa mediante a renda de 20$000 reis. Mas como é que a comissão ha-de pagar 20$000 reis se o homem exigiu 28$000? E se o municipio lh'os não dér este ano dar-lhos-ha no proximo ano, porque os exigiu e não consta que desistisse por escripto, nem o professor desistiu tambem dos 25$000 reis que a lei lhe faculta. De fórma que a casa terá de ser outra para a aula ou mais ano menos ano custará 50$000 reis. Vê o sr. sub-inspector como as coisas se passaram e que são uma coisa muito diferente de como o sr. as conta? E já que as circunstancias me obrigaram a vir á imprensa falar sobre a questão da aula do sexo masculino, cabe-me perguntar ao sr. sub-inspector escolar de Anadia: dadas as circunstancias em que se encontra o professor Calado, a aula póde continuar na mesma casa? Parece-me que não, e que v. ex.ª não ignorando as peripecias e todos os manejos do professor, que apesar de tudo é bom para a educação das creanças, tem alguma responsabilidade no que ali se passa de máu e que as creanças deviam conhecer muito depois de sairem da aula. E creia o sr. Amorim que a aula sae dali; que o sr. sub-inspector é obrigado a aprovar outra casa, quer queira quer não. Mas vá funcionando ali na casa a aula do sexo masculino mais algum tempo. Consentir ali a aula é um crime. E eu continuo a ser um criminoso por que consinto nêsse crime. Nao é de homens, é verdade! mas a mim só me falta confessar o crime na imprensa depois de apresentar a queixa pessoalmente ao sr. governador civil do distrito.

Palhaça, 16—9—12.

Manuel de Mélo.

Novidades litterarias

As origens do socialismo contemporaneo

Por *Paul Janet*, tradução de *Amandio dos Santos Holtreman.*

Hoje que, em todo o mundo civilisado, a lucta social vae empolgando todos os espiritos pela e intensidade com que se apresenta é obra meritoria conhecer-se a fonte de que dimanou directamente o socialismo moderno, bem afastado tanto das antigas lutas agrarias de Roma, como das concéções puramente fantasiosas de imaginosos escritores como Santo Agostinho, Tomaz Morus, Campanela e tantos outros. Paulo Janet, com criterio seguro e imparcialidade incontestavel, apresenta-nos o quadro das ideias socialistas na Revolução francêsa, nêsse grande movimento que, cheio de consequencias politicas, não germinou menos em seu seio os grandes problemas, que mais tarde se concretizariam no chamado socialismo com todas as suas escolas até ao anarquismo. A *Bibliotéca de Educação Nacional*, fiel ao seu programa, enriquece-se, pois, com mais um livro excelente.

O Capital

Por *Karl Marx*, traducção de *Albano de Moraes.*

O afamado judeu alemão Karl Marx, embora directamente actuado pela escola socialista francêsa, foi, sem nenhuma duvida, o fundador do socialismo scientifico, ao qual anda ligado no campo historico o sistêma do materialismo, que pretendia explicar toda a evolução civilisadora da humanidade pelo problema economico.

O Capital, de Marx, é uma obra classica e ninguem que, pró ou contra, hoje, deseje integrar-se no movimento socialista a deve ignorar. Entre nós, infelizmente, Marx pouco mais é conhecido que de nome, sendo muitas vezes citado erradamente e atribuindo-se-lhe teorias que nunca professou. Devile foi, porventura, o mais inteligente assimilador do espirito marxista e isto justifica suficientemente o facto de apresentarmos a compilação por êle feita do doutrinamento marxista. *O Capital* recomenda-se, pois, a todos que em alguma conta tenham o estudo e deve figurar em todas as estantes.

Volume brochado, 200 reis. —Cartonado em percalina, 300 reis.

Remete-se para as provincias, Colonias e Brazil. Pedidos á séde da empreza, tipografia de Francisco Gonçalves, 80, rua do Alecrim, 82 — Lisboa.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 4

Dissémos no *Democrata* de 2 de agosto ultimo, referindo-nos ao *Centro Republicano Português*, que os srs. José Torres Corrêa de Almeida, Joaquim Aguiar da Veiga, Abilio Augusto Teixeira e um outro vogal, tinham renunciado os cargos para que fôram eleitos em 8 de julho ultimo.

Temos a acrescentar que os dois ultimos desistiram dêsse intento.

Tendo-se realizado no dia 16 de agosto as eleições para o cargo de presidente e vice-presidente do mesmo *Centro* sairam eleitos, para o primeiro, o sr. Joaquim Aguiar da Veiga e José Rodrigues Pacheco para o segundo.

= Chegou no dia 25 de agosto a bordo do vapor *Pará* o sr. dr. Lauro Sodré, ilustre filho de Belem, a quem o povo paraense venéra e adora como a um idolo.

A recéção que o povo do Pará lhe fez, excedeu todas quantas aqui se têm realizado em casos analogos.

Foram ao seu encontro nada menos de 55 vapores e lanchas enbandeiradas, conduzindo associações, musicas e muito povo.

O *Centro Republicano Português* foi no vapor *Marcilio Dias*; a *Liga Portuguêsa de Repatriação*, a *Beneficente Portuguêsa* e o *Gremio Literario Português*, foram conduzidas no vapor *Republicano*, cedido pelo generoso democrata, sr. dr. Emilio Corrêa do Amaral, que atualmente é o presidente das tres mencionadas associações.

De todas as colétividades que se fizéram representar, a que mais se destacou, foi, sem duvida, a *Liga Feminina Lauro Sodré*, que conta cêrca de 5:500 associados.

Por toda a parte se ouviram vivas a Lauro Sodré, que na verdade é bem digno disso.

A policia descobriu pouco antes da sua chegada aqui que os *capangas* lemistas preparavam o seu assassinato, mas felizmente assim não sucedeu pelo menos na ocasião do desembarque, sucedendo porém mais tarde, no dia 28, na ocasião em que o sr. Lauro Sodré ia para o espectaculo no teatro da Paz, acompanhado de muitos amigos, que o livraram de ser alvejado por um tiro de revolver disparado pelo *capanga* João Colé o qual foi morto acto continuo pelos populares, dando origem este acontecimento a que o comercio fechasse as suas portas durante os dias 29 e 30, em demonstração de protésto contra o vil atentado de que ia sendo alvo.

No dia 29 á noite quando o povo ia em manifestação ao sr. Lauro Sodré, ao passar junto da redacção da *Provincia do Pará* foram désta disparados alguns tiros contra o povo, tendo sido morto um popular e havendo diversos feridos.

Mais tarde, pelas 7 horas da noite, o povo armado de rifles, atacou a redacção do jornal *A Provincia* e aproveitando-se da escuridão da noite, visto a luz eletrica ter sido cortada naquêle ponto, ouviu-se uma descarga contra o mencionado predio a que os *capangas* lemistas responderam de dentro com outras até que por fim se tivéram de dar por vencidos.

Mais tarde, isto é, ás 7 e meia, começou de novo a ser alvejada a redacção pelo povo que acabou por lançar o fogo ao predio, que ardeu todo, nada se aproveitando dêle senão as paredes.

Ainda mesmo depois de incendiada a casa, esta sofreu ou foi alvo de diversas descargas de fuzilaria.

Quando o fogo irrompeu no predio, toda a multidão batia palmas de contente.

Os mortos foram em numero de 8 ou 9, entre estes dois portuguêses, e o numero de feridos foi de cêrca de 40.

Depois que já não havia esperanças de salvar o predio do incendio, o povo foi a casa do sr. Antonio Lemos e aí penetrando, com muito custo em vista do grande numero de *capangas* que lá se achavam fazendo fogo para fóra, para vêr se evitavam qualquer ataque, entraram dentro e encendiaram tudo quanto encontraram, nada escapando.

No dia seguinte pelas nove horas da manhã os populares podéram vêr que o velho Lemos se achava escondido em casa de um visinho e lá o foram prender escapando a muito custo de ser linchado. Foi entregue ao sr. Virgilio de Mendonça intendente municipal de Belem, aonde este e bem assim o sr. dr. Lauro Sodré, que ali compareceu, pediram ao povo para que lhe poupassem a vida.

Mais tarde, porém, o sr. Lemos recolheu ao Arsenal da Marinha, com mais 35 pessoas de familia, além de alguns partidarios, visto julgar-se ali mais seguro. Outros partidarios do sr. Lemos seguiram hoje para o sul a bordo de um vapor.

Pouco depois da prisão do chefe lemista, recebeu-se uma denuncia falsa de que se achavam escondidos alguns *capangas* na padaria dos nossos amigos Matos & Fragoso, de Cacia, que passaram pelo desgosto de vêrem as portas e janelas crivadas de balas, tendo o povo ainda arrombado uma das portas para verificar se efectivamente ali existia algum dêsses individuos, encontrando apenas 4 empregados da casa néssa ocasião.

O povo não está satisfeito com o procedimento do govêrno Federal por este querer mandar tropas para cá afim de manter a candidatura de um conservador e não a do sr. Lauro Sodré, como o povo quer, tendo chegado já a esta cidade uma força de 160 praças do Maranhão e vindo a caminho mais outra da Baía, de 500 praças, com destino a esta capital.

Todas as forças regimentaes que cá estão confraternizam com o povo e por tanto qualquer outra que possa vir tambem fará o mesmo.

Apezar de tudo isto, reina compléto socego no seio da sociedade paraense.

= A Companhia dramatica Alves da Silva representou aqui *O 5 de Outubro*, drama historico da proclamação da Republica Portuguêsa, o qual foi muito aplaudido.

=O tradicional *Cirio de Nazaré* realizar-se-ha, este ano, a 13 de Outubro proximo.

= Suicidou-se com um tiro de revolver na cabeça, proximo ao Marco da Legua, o português Vitor Manuel Vaz, de 30 anos, solteiro, tendo dado causa ao suicidio o não ter obtido colocação, pois tinha chegado de Portugal ácêrca de 2 mezes.

= A *Liga Portuguêsa de Repatriação*, enviou para aí durante o mez de agosto ultimo, nada menos de 14 pessoas doentes e com falta de recursos e durante os primeiros dias dêste, mais 5, tambem portuguêses.

C.

Cacia, 17

Foi daqui avultado numero de pessoas assistir á romaria da Senhora das Dôres, que no ultimo domingo teve logar em Verdemilho.

Ao S. Paio da Torreira, tambem foi selecta a concorrencia. Egualmente se realisou ontem o popular arraial do Santo Antoni-

nho da Estrada, que esteve devéras animado, não faltando ali as tentadôras pequenas que, em verdade, o embelésam sobremaneira. O povo, pelo que se vê, demonstra que vive satisfeito.

= Desde alguns dias já, que se encontra entre nós, acompanhado de sua querida esposa e filhinhos, o nosso respeitavel amigo sr. Manuel Domingues Nina.

= No ultimo sabado chegou tambem o nosso amigo de infancia, que já tivemos a honra de cumprimentar, sr. Manuel Rodrigues Cristino.

Que gosem muito, são os nossos sincéros desejos.

= Completou no dia 8, 29 primaveras, o nosso velho amigo, sr. Manuel Rodrigues Neta, a quem desejâmos que muitas mais conte no meio das mais ridentes alegrias e felicidades.

= Retirou-se para as Caldas de S. Pedro do Sul o sr. Francisco Tavares de Mélo, laborioso comerciante de aqui, a quem desejâmos que volte de saude perfeita.

= Para Santarem partiu o sr. José Marques Damião, caciense ilustre a quem desejâmos as felicidades de que tanto é digno.

= As colheitas dos milhos temporãos já estão quasi concluidas, sendo muito regular a sua produção. O vinho tambem foi duma produção admiravel.

O tempo continúa prometedôr.

C.

Palhaça, 9

Não ha duvida que o rendimento dos mercados da Palhaça, cuja administração está na posse da paroquia ha 150 anos, é obra que muito aproveita a qualquer corporação e cofre estranho, pois que se alguem lhe poder votar as garras, limpa actualmente uma importancia liquida de cêrca de quatro centos e cincoenta mil reis annaes.

E' uma paroquia rica, esta, da Palhaça, como não haverá muitas no districto de Aveiro.

Mas devemos dizer que a sua riqueza provém da posse e administração dos mercados, mas muito principalmente do seu muito zêlo na fiscalisação, dêles o que não acontecerá se o Estado, o que não acreditâmos, tomar conta do seu rendimento. Porque o rendimento dos mercados da Palhaça uma vez chamado para a posse do Estado e administrado pela *Comissão Concelhia de Administração dos Bens da Egreja* deminue pela mesma fórma que tem subido nêstes ultimos anos. Pensa-se naturalmente que os mercados rendem sempre a mesma coisa esteja ou não em poder do Estado. E' puro engano.

Os mercados da Palhaça deixam de render como actualmente rendem desde que o local onde os mesmos se realisam seja votado ao desprezo. E nós vêmos por aí, com bastante magua, coisas do govêrno que custaram rios de dinheiro votadas ao maior desmazelo, o que não quer dizer que seja o govêrno o primeiro culpado de taes abandonos. A culpa é muitas vezes daquêles em quem o govêrno confiou esta ou aquéla administração. E nêste andar de desmazêlos, que parece estarmos peor do que dantes, talvez um desmazelo propositado para desprestigiar essa terna creancinha, que se chama Republica Portuguêsa, os mercados da Palhaça seriam, em poder do Estado, um dêsses cáos que por aí se encontram sob a administração de pessoas da confiança do govêrno. E a verdade é que, devido aos inconvenientes ultimamente trazidos pela *Comissão Concelhia de Administração dos Bens da Egreju*, a comissão paroquial administrativa local deixou de efectuar o vedamento do mercado na importancia de 850$000 reis que, concluido, faria subir o seu rendimento anual para cima de quinhentos mil reis.

Mas a duvida que a comissão teve até certo tempo sobre se continuaria de futuro a ser a administradora do rendimento em questão fez com que esse vedamento não se realizasse, e o mercado aí está para quem o quizér vêr num aspecto de abandono unico que ha-de certamente fazer com que renda menos em 1913, a não ser que a comissão vá sujeitar-se ao grande sacrificio de fazer a cobrança por conta propria, não podendo, ainda assim, a comissão, obrigar-se aos 485$000 reis que rendem os mercados actualmente. Aí está a razão porque, se alguem insistir em saltar por cima da justiça que assiste á paroquia, e esta tenha de ser calcada em todos os tribunaes, o rendimento dos mercados da Palhaça deminue pela mesma fórma que subiu ultimamente.

Não acontecerá, porém, assim, se se separarem estes bens dos do Estado, como é de lei e de justiça.

C.

Castélo de Paiva, 16

Quando dissémos no *Democrata* de 23 de agosto, que o secretario Manuel Moreira, preso como conspirador e posto em liberdade por falsas informações, não citâmos nome algum.

Por uma carta publicada no jornal de 6, do sr. Beja da Silva, que nos merece todo o credito, vêr-se que o celebre conspirador foi pôsto em liberdade pela prova testemunhal.

Continuâmos narrando os factos do procedimento do ex-secretario e conspirador, esperando que cada um tome as responsabilidades dos seus actos.

= Continua a colheita do vinho sendo em algumas partes diminuta a sua produção.

C.

Pinheiro, 16

Consta ter este ano uma festa rija, na frase popular, o S. Miguel. Os mordomos, rapazes caprichosos, não quererão deixar de festejar o padroeiro do logar com todo o entusiasmo da sua... bolsa.

Para o proximo numero talvez que possâmos apresentar aos leitores o programa dos referidos festejos.

= Tomou posse do logar de prior da freguezia de S. João de Loure, na sexta-feira, o reverendo Albino Valente de Matos, natural de Avanca.

O acto foi concorridissimo e a escolha, ao que nos consta, foi acertada. Os nossos parabens.

= Tem passado gravemente doente a esposa do nosso amigo Antonio Sequeira Pinto.

Desejâmos o seu rapido restabelecimento.

= Segundo lêmos, foi vencedor désta vez na corrida Porto-Lisboa, promovida pela União Velocipedica Portuguêsa, o Larangeira, terrivel competidor do nosso conterraneo Dias Maia.

As disposições nem sempre são as mesmas e o facto, portanto, nada nos admira.

= Principia a chuva a encomodar-nos, pairando sobre nós uma trovoada, embora que benigna.

C.

ANUNCIOS